



volteio

VOLUME I

volteio

VOLUME I

SUMÁRIO

Roteiro, apresentação e pesquisa:

Felipe Neiva dos Santos

Produção Executiva:

Caio Cruz

Assessoria de Comunicação:

Tess Chamusca

Edição de som e trilha sonora:

Gerry Barbuda

Design:

Mariana de Paula

Webdesign:

Edely Gomes

Revisão, copidesque e Ilustração:

Alan Santos

www.volteiopodcast.com.br

O Volteio é contemplado pelo Prêmio Anselmo Serrat de Linguagens Artísticas, da Fundação Gregório de Mattos, Prefeitura Municipal de Salvador, por meio da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, com recursos oriundos da Secretaria Especial da Cultura, Ministério do Turismo, Governo Federal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Volteio : volume 1. / roteiro, apresentação e pesquisa Felipe Neiva dos Santos -- Salvador : Ed. dos Autores, 2021.

Vários autores.
ISBN 978-65-00-23622-4

1. Podcast (Redes sociais online) 2. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira

21-66904

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Coletâneas : Literatura brasileira
B869.108

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Apresentação

Felipe Neiva dos Santos 05

.....
Laboratório do Risco 07

O infinito mais próximo

Ana Santos 08

PÉ DE MANGA, PÉ DE MANGA 11

SÓ UMA PARTE 18

NO NUM POUCO 21

OU OS DIAS BEM-ANTES DA CRIAÇÃO 23

FOSSE SORRISO, DALINHARETA 25

LINHA TÊNUE, TÊNIA LINHA 27

PRÉ-HISTÓRIA DO TCHAU 29

.....
Voltas 35

Entremeios: por uma poética de sons

Clarissa Macedo 36

Maria Luiza Machado 38

Marcus Vinícius Rodrigues 39

Tiago D. Oliveira 40

Deisiane Barbosa 41

André Gravatá 42

Sagrado - Neide Vieira 43

Raiça Bomfim 44

Nelson Maca 45

De quem é essa voz? 47

BIOS 51

Apresentação

*Felipe Neiva dos Santos,
idealizador do projeto*



Este livro que você tem em mãos é resultado da primeira temporada do **VOLTEIO**, um programa de podcast dedicado à poesia contemporânea. A ideia geral do projeto é fazer poesia, discutir poesia, errar poesia. E olhar o mundo de hoje pelas lentes poéticas.

Foram sete semanas de transmissão da primeira temporada, com o lançamento de dois episódios por semana em formatos distintos: **Laboratório do Risco** e **Voltas**. E vale explicar rapidinho cada um dos formatos e como cada um deles foi catalisador de poemas.

No **Laboratório do Risco**, apresentei poemas da minha lavra – como diziam os antigos. Neles, aprofundi e investiguei variáveis importantes para o meu fazer poético: o risco, o estranhamento e a liberdade. Poderia resumir essa tríade com um único termo: experiência. Portanto, os textos buscam – no conteúdo e na forma – sair de um perímetro e elaborar novos caminhos perceptivos e estéticos. São sete poemas publicados pela primeira vez em livro e que aparecem na primeira seção, com prefácio da poeta gaúcha Ana Santos.

No formato **Volts**, além de investigar questões relativas à poesia e sobre a técnica poética, convidei poetas dos mais diferentes estilos e vertentes para participar de uma espécie de desafio poético. A brincadeira funcionou assim: cada poeta convidado escolheu um objeto que tivesse algum sentido afetivo-pessoal; depois, cada participante compôs um pequeno poema, em primeira pessoa, a partir do ponto de vista do objeto. Resultado: o eu-lírico do poema é o objeto escolhido. Como parte da brincadeira, os ouvintes do **Volteio** tentariam adivinhar o objeto que ganhou voz no poema. Aqui no livro, os textos aparecem na segunda seção e recebem o prefácio da escritora baiana Clarissa Macedo. O gabarito do desafio está na página 47, na seção “De quem é essa voz”. Lá, cada poeta explica por que motivo escolheu o seu objeto.

Gostaria de agradecer a todos da equipe do projeto e à Fundação Gregório de Mattos, que permitiu que tudo isso acontecesse por meio da Lei Aldir Blanc. Para ouvir os episódios do **Volteio**, acesse as plataformas de streaming (Spotify, Youtube, etc). O projeto segue ativo também nas redes sociais como @volteiopodcast (Twitter e Instagram). Visite também nosso site: www.volteiopodcast.com.br.

Uma boa leitura!



Laboratório do Risco

O infinito mais próximo

Ana Santos

Para Octavio Paz, a imagem poética se caracteriza pela conjugação de opostos: “as pedras são plumas, isto é aquilo”. A poesia originalíssima de Felipe Neiva dos Santos nos ajuda a compreender a lição do poeta e ensaísta mexicano. Nos sete poemas apresentados neste livro, vários opostos se igualam: vida e morte, banal e sublime, lógica e nonsense. Com destreza, Felipe apaga a linha que supostamente os separa, deixando “os lados contrários/ se cruzarem numa grande/ ténue explosão”. E que bela explosão.

Em “Pé de manga, pé de manga”, longo poema que abre o conjunto, chama atenção o fato de Felipe ter escolhido seres estáticos, fundamente arraigados no solo, para aludir a um deslocamento espacial. Uma leitura atenta, entretanto, sugere também deslocamentos de outra ordem: a existência dos pés de manga incomoda – eles estão fora de lugar, tanto na rua gaúcha quanto no quintal baiano. Cabe ao sujeito lírico narrar o fim dessas árvores, falar de suas “mangas franzinas e amargas”, de suas “mangas-múmias”, deitar-se sobre os galhos cortados de uma delas, num

gesto análogo ao dos pássaros que pousam sobre os galhos mortos da outra.

Esse eu lírico singular se manifesta ainda mais intensamente nos textos seguintes, lembrando, em certos versos, a voz dos loucos ou a das crianças: “no paraíso tem/ bichinho-da-goiaba/ nas goiabas?// no paraíso, seguirei pensando no Paraíso?”. Em “Só uma parte”, o poeta subverte a relação entre parte e todo, micro e macro, conteúdo e continente, criando associações inesperadas – o que dizer do frescor de imagens como “em toda força um pouco de alfabeto” ou “em toda sombra – um pouco mais de sombra”?

E se, em termos drummondianos, de tudo fica um pouco, por que não ficaria um pouco de Joca, do ânimo que, de qualquer forma – ainda que reduzido a matéria orgânica –, terá seu quinhão de futuro? Do destino inescapável de “No num pouco”, em que a morte nos aguarda, passamos ao nada absoluto de “Ou os dias bem-antes da criação”, ao tempo em que “nem/ vazio havia”. O poeta nos situa, assim, entre o nada e o nada, mas é generoso o bastante para adornar o vazio com tentáculos inteiros.

Na poesia de Felipe Neiva dos Santos, a verdade parece estar contida nos paradoxos: há, por exemplo, linhas retas sinuosas e infinitos próximos em “Fosse sorriso, dalinhareta”. Aqui, “cambalhotas-estrelinhas”

importam mais que o cumprimento de funções: existe a possibilidade de que essa linha reta poética “não seccione nada”. Em “Linha tênue, tênia linha”, o sujeito lírico analisa, com sua lupa, todas as facetas do objeto, mas as respostas às suas diversas perguntas terão de ser imaginadas pelo leitor: “se pura, o que há por dentro da linha-tênue?”, “o que pode ficar escondido debaixo/ do tapete nessa linha?”. Há, nesse poema, uma iconização do sentido, na medida em que Felipe grafa as ocorrências do termo “linha tênue” de várias formas – trata-se de uma dissecação complementar dessa linha que, tocada pela paronomásia, se torna, de repente, um platelminto.

Chegamos ao complexo “Pré-história do tchau”, espécie de poema-mosaico em que a necessidade de falar e a experimentação com a linguagem sobrepõem-se ao que é dito. Afinal, como escreveu Samuel Beckett, é preciso dizer palavras até que elas nos digam. Felipe Neiva dos Santos sabe dessa urgência e encerra o poema (e o conjunto) com uma declaração antológica: “falei/ como salvação”. Vamos escutá-lo.

PÉ DE MANGA, PÉ DE MANGA

Acompanho a morte do segundo
pé de manga da minha vida.
O primeiro ficava em uma rua de Porto Alegre.

Era uma árvore um tanto fora de si.

Produzia mangas franzinas e amargas.
As frutas se desamarravam ao mesmo tempo.
Ficavam lá pelo chão.
E as solas dos transeuntes iam se grudando
no basalto viscoso.

Ao longo da rua, ao longo do ano,
aquele pé de manga pegava pouco sol.
Cercada por prédios, a árvore lembrava
o leão verde acuado.

Havia também o frio gaúcho,
os fios elétricos entre os galhos, e
as raízes ataganhadas de pedras, o minuano,
havia o xixi dos pets no início do tronco.

Nem as formigas gostavam daquela árvore.

2

Um dia – era cedo – a prefeitura apareceu

e cortou o pé de manga.
Pedacos de madeira foram colocados numa grande
caçamba
de entulho.
Eu acompanhei tudo.
Era meu dia de folga.
Havia uma seiva cheirosa de morte no ar.
E a prefeitura foi embora. Os espectadores
- poucos, bem poucos -, em silêncio,
foram embora. Eu também.

Mais tarde, eu voltei:
pra conferir se a árvore ainda estava cortada.

(O sol caía como uma manga pequena
e amarga)

A caçamba ali, da cor de um caixão-amarelo
("papai do céu, qual é o aumentativo de
caixão?")

3

Entretanto, numa ética estranha,
parecida com a de quem atravessa
uma rua de cidade grande, eu olhei,
olhei para os dois lados..

Pé ante pé, subi na caçamba como quem sobe uma

árvore.

Sem motivo, me deito sobre os galhos cortados.
Eles machucam as costas.
E penso: "Estou no sentido, ou não estou quase".
Foi quando alguém, do nada,
lembrou-me
um antigo questionamento:
– O que tu tá fazendo aí?
– Era um pé de manga, cortaram – respondi.

E o homem sábio disse:
– É vida que segue..

4

Ícaro caiu, e o arador seguiu
o trabalho de arar.
Aquiles perdeu Briseida,
perdeu
o primo, matou o inimigo
e ganhou uma flecha
no calcanhar.
Aquiles seguiu morto.
E seguiu até agora, quando
um segundo pé de manga apareceu.
(Amigos acham que eu
falo demais sobre pé de manga.
– Pé de manga, pé de manga.)

É um segundo pé. Talvez um segundo pesar.
Outro pé de manga que ascendeu
numa sombra frondosa de cidade grande.

Mas este um pé de manga baiano.
Nascido e criado na cidade de Salvador.

O vizinho do meu apartamento
cansou do fato de as mangas
caírem quebrando as telhas
da casa onde ele mora.

A árvore fica parada no quintal da casa.

[Escondido, eu mirava cantigas erradas.
“Manga nadica pequena
Barulhenta contra telha.”
“Manga nadica pequena
Barulhenta conta trelha.”]

O vizinho cansou das mangas caírem.
Cansou como quem se cansa
de uma verdade universal, por ser verdade.

A árvore parada, estacionada no quintal.
A dois passos da casa dele.
Os galhos enormes subindo sobre o telhado.
O telhado da casa dele.

E as telhas arreventadas, velhas sementes apodreci-
das sobre o telhado.

Eu via tudo da janela do segundo andar.
Bem naltura do telhado. Bem vizinho. Bem ao lado.
Mangas-múmias, eu as apelidei sementes.
Eu as apelidei como eu queria.

Telhas em bombardeios.
Podia ser dia, podia ser noite.
Cabum! como brincam os bombardeios.

Então, o dono da casa cansou.

5
O pé de manga parado.
As sementes dentro das mangas não são paradas.
Elas se atiram e carregam consigo um colchão de
proteção
cheio de açúcar.
O dono da casa, cansou..

(E sabemos: evoluímos
em razão do polegar; da dieta;
do cérebro, cérebro que nos deu
a habilidade de:
- não deixar barato..
- não deixar por isso..)

Então, sobrou para o pé de manga,
mas o pé não foi podado, como aquele outro pé.
Ou como um pé amputado numa guerra.
Não.
Foi aplicado um
produto químico que está tirando a vida
da planta ao longo dos dias.
Numa gestação de morte.

Enquanto isso, ao ver tanta tibieza,
sinto a necessidade de aprender
o valor do perdão
e as técnicas de preparação de uma bomba caseira.

6

Resta, hoje, uma árvore expressionista
(igual àquela de Mondrian, para quem isso possa
importar.)
Imaginem um pé de manga-múmia.

Foi assim:
primeiro, as folhas secaram,
e como num outono fora de época, as folhas caíram.
Enquanto isso, o homem – todos os dias –
varre assobiando o quintal.

Muita sujeira, deve pensar.

E pássaros vão nos galhos daquele pé de manga pa-
rado.
Eles cantam enquanto
os ramos projetam
sóbrias sombras; esses ramos que não tombam,
murmuram crispados.

Sem pra quê (eu bem sei por quê),
penso a despedida: o adeus dos pássaros.

Mas pássaros - disse minha mãe -
são bichos, por isso cantam mesmo enjaulados.
Os homens, digo à minha mãe, também cantam
enjaulados.
O homem varre assobiando.
Eu penso em perdão e bomba.
E um pesadelo me disse: “Felipe, tristeza não ser
virtuoso radical nem terrorista radical”.

Os pássaros, no
final do dia,
se reúnem nos galhos secos.
O canto
não parece ter o menor sinal de seiva bruta de morte.
Ouça! Acho que um deles cantou assim:

- É vida que segue..

SÓ UMA PARTE

1
só uma parte do bem-te-vi
é bem te vi

só uma parte do sabiá
laranjeira
é laranja

só uma parte do caqui
às vezes chocolate
tem cor
caqui

só uma parte do inferno
é arfante e tiroteio
uma parte substantiva
é só adjetiva

só uma parte
da pedra angular
tem por pedra fundamental
a desalma sem ângulos

só um pequeno detrito
pedregulha pedregulha
à noite toda

uma pedra angular

por maior que seja
só
uma só uma
baleia
é o cosmo inteiro

2
em todo sapato há um pouco de sapateado
em todo tênis um pouco de corrida
em toda corrida um pouco de injeção
de ânimo e decolagem

e em todo cadarço um pouco de força e carrasco
em toda força um pouco de alfabeto
em todo alfabeto há um pouco de artesanato
e grito

em todo grito há um pouco de sombra
em toda sombra - um pouco mais de sombra
fermento e luz embatumada

3
sigo sem saber se no
paraíso
os passarinhos não fogem da gente
quando

nos aproximamos deles

te pergunto: no paraíso tem
bichinho-da-goiaba
nas goiabas?

no paraíso, seguirei pensando no Paraíso?

se tem
bichinho-da-goiaba adjetivando
minhas
belezinhas não corde goiaba?

NO NUM POUCO

de qualquer forma
Joca abraçará
o futuro
ou morto, ou acabado, ou fatorado

no
num pouco
ou pouco que seja
está se lançando
a um futuro ou futuro
ciclo do carbono
não sei do fim

ou sei do meu
nem do Joca

fim que nos levará
às almas que caem da sacada
às brasas da churrasqueira
aos bichinhos da goiaba do paraíso

ciclo do carbono
bichinho tranquilo
sem inconsciência
do petróleo sem
vídeo-cassetadas

educação tapa

baratas-idosas
bebês de dieta

OU OS DIAS BEM-ANTES DA CRIAÇÃO

bem antes
havia nem
antes

bem antes
nem
vazio havia

esse vazio
e seus tentáculos
tão inteiros

bem antes de
qualquer passo
para trás

ou pra frente
só o antes
para frente

bas
ta
val

sem lembrar
nadanada
pela-metade-depois
pelametadedepois

a bem-antes
de-bem-antes

FOSSE SORRISO, DALINHARETA

1

temperados os cruzeiros dalinhareta
as sinuosidades untadas dalinhareta
por dentro dos arremedos-mármoreos
os cios estreitos em

caneluras (hahaha)

os paraquedas dalinhareta
linhaALINHA

2

primeiro amor segundo: não vem
à memória-girassol

pra isso
aprendemos
a contar
até
o infinito
mais
próximo

3

as cambalhotas-estrelinhas dalinhareta

dois e dois
o jogo de corpo dalinhareta
a medalha de honra ao mérito dalinhareta
as paralelas no infinito-do-lálálá
platonismo anormal dalinhareta
as carnes sonhando maçãs dalinhareta
as guilhotinas dalinhareta a regras do nh
a possibilidade tão linha de que não seccione nada
como blocos de pedras sem Davi adentro
como blocos de pedras sem

4
as parábolas lentas dalinhareta
rogando
as
viagens do homem-bala sob o circo de muque

LINHA TÊNUE, TÊNIA LINHA

podemos saber o que há de cada
lado
da linha tênue
mas o
que há na linhatênue?

a li-nha tênue é o resultado
entre os dois lados
que ela mesma divide?

ou a l-inha tênue é uma
transcendência
que não se embaralha com as matérias que
ela mesmadivide?

se pura, o que há por dentro da linha-tênue?

o que há por cima, de enfeito?

o que pode ficar escondido debaixo
do tapete nessa linha?

ou é uma linha suspensa
feito um cabo de guerra?

podemos saber o que há de cada
lado
linhatênué, linha Tênué
para onde você vai quando não mais
separa divisas, caosinhos
polos geométricos?

qual jiboia quanto tempo dura a digestão
de uma linh-atênué?

parada, embernando no teto das formas?

e se tirássemos a lin-ha tênué
do seu posto de linhazinha?
como quem tira as margens
de um caderno de caligrafia?

se tirássemos a linha e
deixássemos então
os lados contrários
se cruzarem numa grande
tênuéexplosão?

ai que imaginária?
que linha derrisória..

linha tênué..
tênia linha..

PRÉ-HISTÓRIA DO TCHAU

7
cifrados os mortos
(e voltamos-trabalhos)
prontos ao leite vegetal cujas mãozinhas
descascaram cada castanha cascacasca e se
fuderam
pro vento caixinha

1
embalo lácteo, trambolhos, trabalhos, rosado centenário -
desidratam os corvos
engraçados

3
queremos este entendendo NADA
indignação antes da sesta azuluzada
queremos teu ouvido absoluto
teu narizinho semideus
teus dentes em minimeteoritos
queremos teu hierárquico jogo dos sete erros

tudo no lixo
que vamos recolher aos estalos enquanto dormem
eu tibia

1

por raspão
sem barata de gosma
a nossa fezinha
sabor loteria

céu moedor de ossos
todo rezadinho enquanto
a lua alua me dá orgulho de nunca ter morrido
independente do que me piscadela

2

mas eu digo:
o objeto ser casado com a abjeta
um silêncio artesanal qual pipoca artesanal
gritantes definhando nas paredes

mas eu digo:
a traduzir do jeito que se dá
um tanto-faz-tanto-fez
de feiticeiras e magos desempregados

2

precisarei saber
o que eu dizia com todas as letras
agora
quando eu sabia a idiomática criação
preciso transferir meu auxílio inteiro

essa semana.. farei um lembrete
na minha língua materna

3

CEOs acarinhados pelas crianças mortas demortos
rinocerontes nos arrepios
falar seja nossa telepatia

1

é uma investigação séria –
como se esta língua viesse de outro planeta
só pra nos dizer
que é só esta língua que resta
no universo inteiro

preciso me levar ante quase-tudo
o que não está nesta língua
nem naquela língua estrangeira
nem mesmo naquela outra piadista, a universal

4

sonhei, sonhei com a improdução completa
uma inobra total
enquanto meu vampiro de sunga deitado na lua
cheia
conhece a linha que separa o barroco
do rococó

1,99

precisamos passar o trote:
“alô, emergência?
talvez o urubu seja o pato
com mais sombras
dentro”

2

o coração laaadeado de árvores-maratonas
o carro-forte: no que sentir:
ou o solstício ser perdido no atlas

teus olhos de caramelos tortos
dentro aff
reles belos reles belos
os remos voltam-mas não remoem

1

cifrados os mortos e
terem inventado - meio miopia meio à la minuta -
o livro da carnificininha
pra colorir

3

igual à iguala:
a pergunta ou
resposta-labirinto que há
do laranja-em-caqui em
laranjas e caquis

os amarelos lagares do caqui, e o
que é sub-manhãzinha
em
amarelo-melão deste laranja moinho(ou-trovão) de
laranjas

4

a comparação era tão, mágica
quanto um olho-mágico, mágico
na porta da tal-frente

o caqui compondo cores não caquis
o nome do sonho-se-tinta antes de dormir
(caqui-japonês, caqui-chocolate)
na redondeza as ruas das romãs

uma é só em frente, A'-B', outra de segurança-
armado, na frente-de-quem, a proteger o jardimzinho
adentro, ao lado o asilo com cerca-elétrica na testa,
há o centro de atendimento psicossocial, na frente o
outro lado, ou crossfit

3

o caqui a compor laranjas
o raciocínio-carpaccio de caqui, caipirinha de caqui
redondezas e fugas azuis
uma de amoras-zumbis, qual um equipamento
eletrônico danificado, folhas enferrujadas, fica-

se amamentando os desejos assim mesmo, qual o
cosmo não coça as próprias costas
mas ajuda a alcançar as pitangas, duas metáforas e
jabuticabeira rompe basalto

7

torço pro Zé das Couves
sustento o Jegue com pão de Ló
a Gravidade, muito séria, vibrando o filho gaiola
em primeiro lugar: o que não quer dizer que
optamos

ou os trocadilhos tênis presos nos fios de luz
falei
como salvação



Voltas

Entremeios: por uma poética de sons

Clarissa Macedo

Idealizado por Felipe Neiva dos Santos, o Volteio-Podcast é um projeto que, nas palavras do próprio Felipe, propõe-se a “discutir poesia, fazer poesia, errar poesia”. Num formato de entrevistas e provocações “escrito-criativas”, a iniciativa contou, nesta primeira temporada, com Maria Luiza Machado, Marcus Vinícius Rodrigues, Tiago D. Oliveira, Deisiane Barbosa, André Gravatá, Neide Vieira, Raiça Bomfim e Nelson Maca, autoras e autores que têm marcado a literatura baiana e brasileira de formas diversas.

A partir de uma perspectiva “rizom-ática”, o Volteio se divide em episódios que, além de “polialogar” sobre temas múltiplos, apresenta o bloco “De quem é essa voz?”, no qual cada autora/or escreve um poema a respeito de um objeto íntimo, que deve ser decifrado pelo público.

No primeiro episódio, que versa sobre o trabalho poético, como labuta, ofício, Maria Luiza Machado enseja os seguintes versos: “roupas e sacolas em mim penduradas trazem a certeza de que não sirvo mais

[...] toda passagem / por mim é rápida, uma fuga”. No terceiro, Marcus Vinícius Rodrigues e Tiago D. Oliveira compõem o papo e nos dizem, respectivamente: “O passado se guarda em aberto, / o colo ainda aguarda seu choro” e “sou elo entre o silêncio e a inocência de não saber até carpir. [...]”. Já na quinta trama, Deisiane Barbosa nos conta: “faço no escuro poesia de insistência”. Para o sétimo enredo, André Gravatá escreve: “meu corpo que cintila no encontro com outro corpo”. No nono, Neide Vieira adverte: “As senzalas ajudei a abrir”. Na 11ª volta, Raiça Bomfim arremata: “amorteço sua queda / me acomodo entre / suas pernas”. No último episódio, Nelson Maca desponta: “Venho de longe no tempo. Sigo no pulso da história.”.

As microcitações acima são apenas um Farol, longínquo, que fulgura os meandros da proposta. Falar sobre, tecer e dizer poesia, não me furto a ressaltar, é algo extraordinário, do ponto de vista da resistência ao maquinário claustrofóbico contemporâneo, e um alento, ponderando a atmosfera de dor e luto que tem envolvido o mundo, sobretudo o Brasil.

Voltear a literatura, pois, é um exercício de afeto – afeto este que, fincado nas aderências e ramificações produtivas, agencia imagens do pensamento e promove efabulações, por ressonância e implosão, no que há de mais alegórico, belo e bárbaro: a própria vida.

roupas e sacolas em mim penduradas trazem a
certeza de que não sirvo mais
de nada além de carregar o peso das pessoas que aqui
vivem. toda passagem
por mim é rápida, uma fuga

os rostos que para mim se viram são de tristeza
desprezo lágrimas contidas

da última vez me viraram de costas

assim vejo a janela às vezes aberta às vezes apenas
as cortinas

ao menos parece não haver mais ninguém triste
por aqui

Maria Luiza Machado

Nada que eu tenho exige segredos,
porta entreaberta, ventre sem ouro.

O passado se guarda em aberto,
o colo ainda aguarda seu choro.

Chaves? Não traga. Abre-me
e seja meu valioso tesouro.

Marcus Vinícius Rodrigues

o mundo além da gaveta: sol primeiro ao atravessar
os ventos
e iluminar o que ontem foi pensamento, riqueza
imaterial, chão
de alguém a tentar se encontrar nas palavras
marcadas em mim.
sou elo entre o silêncio e a inocência de não saber
até carpir. foi.
realizo a fé no reciclar, ensino lição frágil de resistir
e seguir
reinventando a sorte de sermos exatamente o que
somos, papel.

Tiago D. Oliveira

sou teus olhos cabeceira
aluminio sonho desperto em horas altas
amacio aspereza da noite
para que tu deite os olhos confortáveis
pelas coisas sonolentas
alaranja madrugadas da Bahia ao Pernambuco
tu lê livro, caderno, pele, boca
desenhando susurro
faço no escuro poesia de insistência
tu toda se aconchega amaciada,
parto das bordas, do baixo, do brando
e a gente se conversa tanto
porque este é também teu modo
de teimar o teu delírio

Deisiane Barbosa

Meu corpo de madeira,
meu corpo de espaço,
meu corpo de fios,
meu corpo que cintila no encontro com outro
corpo,
meu corpo na afinação com outro corpo,
transborda pelo ouvido,
transborda pela pele
e nos dedos em dança sobre
meu corpo se renovam os ritmos.

André Gravatá

Sagrado

O Corpo que me conecta eu sou algo sagrado
Aos maus olhos que me veem eu sou marginalizada
Trago histórias de resistência
Trago fé e proteção
Represento uma raça, um povo, uma nação
Trago histórias de cultura
De luta e proteção
As culturas dominantes
Que a sua verdade quer ditar
Em uma mão traz um livro
Na outra traz o chicote que o corpo do meu povo
sangrou
Mas a fé que tem em mim
O seu corpo libertou
As senzalas ajudei a abrir
Quilombos eles criou
Livramento no quilombo
No seu corpo me colocou
E a quem eu represento
O quilombo guardou!

Neide Vieira

quando você vier
eu estarei aqui
lhe dizendo sim
se acheque, aconchegue
me abrace, me amasse
derrame seu corpo
em mim
solte seu peso
que eu lhe recebo
amorteço sua queda
me acomodo entre
suas pernas
lhe esquento, acalento
lhe acolho, lhe envolvo
lhe dou meu conforto
pra você sonhar

Raiça Bomfim

Sou a comunicação ancestral que ainda se faz presente. Dependo de quem me bate. Bato para quem de mim depende. Rito e festa. Quem me sente não se encosta. Quem me toca segue em frente. Venho de longe no tempo. Sigo no pulso da história. Quilômetros percorro em ondas. Sons de tropeços e glórias. Quem tá te falando. Não tá se mostrando. Mas tá percutindo. No teu pensamento. Da noite ao dia. Cruzo oceanos. Atravesso oceanias. Do ocidente ao oriente. Acento árabe. Traço asiático. Segmento americano. Adoção do europeu. Fundamento africano. Como falo depende da hora. Acordo o clarão do dia. Desperto o escuro da noite. Anuncio o raio da aurora. Quem tá te falando. Não tá se mostrando. Mas tá percutindo. No teu pensamento. Sólido da parede. Vazio do oco. Às vezes, nasço intacto. Apareço na casca do coco. Sou do barro. Filho da terra. Sou da madeira. Cria da floresta. Sou do aço. Descendente do minério. Quase eterno no plástico da fábrica. Ao acaso, me descobrem nos potes. Na ausência, me inventam nos bancos. Reciclado, me forjam na lata. Com arroubos, me socam na porta. Quem tá te falando. Não tá se mostrando. Mas tá percutindo. No teu pensamento. Alegre. Triste. Estreito. Profundo. Largo. Simples. Solto. Duplo. Duro. Em grupo, eu sou bloco. Em movimento, sou escola. Embalo multidão. Conduzo exército. Aberto. Estreito.

Médio. Nem tão grande que se cale o ar. Nem tão estreito que não caiba o vento. Falo na língua do tapa. Respondo a pergunta do soco. Berro na orelha do branco. Grito no ouvido do preto. Quem tá te falando. Não tá se mostrando. Mas tá percutindo. No teu pensamento. Quem tá te falando. Não tá se mostrando. Mas tá percutindo. No teu pensamento. Velocímetro do conjunto. Minha velocidade te orienta. Apanho na canção da Marrom. Agito o coração de Valença. Sou a comunicação ancestral que ainda se faz presente. Dependo de quem me bate. Bato para quem de mim depende.

Nelson Maca



De quem é essa voz?

Maria Luíza Machado

É um espelho, daqueles grandes que se apoiam no chão. É um objeto que tem me causado bastante incômodo ultimamente. Não o objeto em si, pois o acho muito bonito e gosto de suas formas, mas me incomoda a relação que construí com ele nos últimos anos - uma relação de dependência e ao mesmo tempo de fuga.

Marcus Vinícius Rodrigues

Escolhi falar do ponto de vista de um cofre antigo que herdei de minha avó. Foi uma escolha por impulso. Ao ver o exercício, olhei em volta e aquele era, à vista, o objeto mais significativo. É um móvel muito pesado, sempre foi referência na casa de minha avó. Um lugar de segredos e tão à vista. Era comum a frase: está em cima do cofre. Na minha casa, ele fica aberto. Tenho medo de a casa ser invadida e esquecer a senha para abrir. Deixo aberto para que vejam que ele não tem nada de valioso dentro. O valor é a lembrança de minha avó.

Tiago D. Oliveira

O objeto é um pequeno caderno. O caderno é um companheiro nas horas mais necessárias, suporta todas as nossas ideias e cabe no bolso facilmente. Nele podem ser encontrados toda natureza de pensamento cavalgando a liberdade, desde os mais inférteis até aqueles que marcam alguns minutos de leitura para sempre na vida de qualquer um. O caderno é a metáfora mais prática do caminho, pronto para ser aberto com suas páginas a serem preenchidas e passível também a todo tipo de correção, interferências. A partir do convívio com ele é que entendi melhor o labor de escrever e passei a lapidar palavras na busca por entendimentos e crescimentos que são realizados somente a partir do desbravar da escrita.

Deisiane Barbosa

O objeto escolhido é uma pequena luminária de mesa; comprei uma luminária no ano de 2015 para uma instalação artística numa exposição que integrei, no MAC, em Feira de Santana. o objetivo era ambientar um espaço da galeria para que as pessoas sentassem ali e escrevessem cartas a Tereza. após esse evento, apropriei-me do objeto e ele tem substituído qualquer iluminação noturna, em qualquer cômodo da casa, principalmente do quarto. não utilizo as luzes padrões que iluminam todo o cômodo com a brancura fluorescente, mas opto por acender essa pequena chama amarelada a cada ponto da casa onde pouso. para mim convida a certa intimidade, acolhimento, deixa a noite mais morna. criei um afeto imenso pelo objeto, pois

ele tem me acompanhado em todas as casas por onde transitei nos últimos tempos. testemunha meus silêncios, devaneios, literalmente, assiste aos meus sonhos despertos.

André Gravatá

O objeto é um violão. É o violão que minha mãe comprou quando estava grávida de mim, depois de dez anos de tratamento para ter filhos (ou seja, uma longa espera). Ela sonhava em criar uma música para celebrar o meu nascimento. A música não foi criada até hoje, e tudo bem, pois já é um poema em si a decisão de uma mulher grávida e com poucos recursos de trazer para perto um violão, mesmo sem saber tocar, para descobrir na relação com o instrumento uma canção que celebre a vida.

Neide Vieira

O objeto escolhido foi uma guia de Orixá também conhecida como conta. Escolhi essa guia pois para além de um afeto pessoal é um objeto que me conecta com o meu orixá.

Raiça Bomfim

Eu escolhi uma almofada, por ser um objeto que me dá conforto e aconchego. Eu gosto de ter várias almofadas no sofá e na cama, gosto de ter algumas grandonas espalhadas pelo chão da sala. Sinto que elas me ajudam a me acomodar bem, a me sentir abrigada, a me deixar mais à vontade junto às companhias e a curtir mais ca-

rinhosamente a solidão. Quando eu viajo, sempre levo uma almofadinha comigo.

Nelson Maca

Escolhi o “tambor” por causa do dado físico do ser som. Da batida, do pulso, do ritmo. Também pela sua simbologia. O tambor pode significar muita coisa no tempo e no espaço. Historicamente, tem origem desconhecida. Mas está presente nos registros e transita na memória viva de inúmeras tradições. A mm, logicamente, interessa mais sua africanidade. Tenho cuidado muito do ritmo em meus poemas. Tento trazer para meus textos ritmos negros. Inclusive, desenvolvi uma performance chamada Tamborismo. Nela dialogo com os tambores do Grande Mestre de percussão africana e baiana Jorjão Bafafé.

BIOS

Alan Santos

É multiartista e professor. Formado em Jornalismo, completou o mestrado em Escrita Criativa pela PU-CRS, onde apresentou seu primeiro livro de contos “Centrípetos” e o estudo: “A Convergência na criação de um livro de contos”.

Ana Santos

É mestra e doutoranda em Estudos de Literatura pela UFRGS. É autora de “Fabulário” (2019), vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2017 e o Prêmio Minuano 2020, na categoria Poesia; de “Mó-bile” (2017); e de “O que faltava ao peixe” (2008).

André Gravatá

Apaixonado pela “profunda e ancestral relação entre poesia e vida”, tem família no sertão da Bahia e vive em São Paulo. Seu primeiro livro foi um projeto coletivo, artesanal, e o segundo se chama “Inadiável”.

Clarissa Macedo

Escritora, revisora, produtora e pesquisadora. Publicou “O trem vermelho que partiu das cinzas”, “Na pata do cavalo há sete abismos” e “O nome do mapa e outros mitos de um tempo chamado aflição”. É organizadora do Encontro de Autoras Baianas.

Deisiane Barbosa

Poeta, andarilha, escritora, costureira de livros e artista nascida e renascida no Recôncavo da Bahia, publicou os livros “Cartas a Tereza”, “Desavesso” e “Refugos”. É criadora da Andarilha Edições e da Casa mendocira.

Felipe Neiva dos Santos

É idealizador e apresentador do Volteio Podcast. É poeta, professor e mestre em Teoria Literária pela PUCRS. Escreveu a dissertação “O surrealismo em ‘As metamorfoses de Murilo Mendes’”.

Marcus Vinícius Rodrigues

Além das publicações em prosa, que se tornou sua expressão mais corriqueira, tem três livros de poesia lançados: “Pequeno inventário das ausências”, “Arquivos de um corpo em viagem” e “Manual para composição de Vitrais”.

Maria Luiza Machado

É autora dos livros “Algumas Histórias sobre a Falta”, “Todos os Nós” e “Tantas que Aqui Passaram” e organizadora da antologia “Corpo que Queima”, que reúne escritoras baianas. A vontade de viabilizar literatura a fez criar a Mormaço Editorial.

Neide Vieira

É poeta, artista plástica, arteducadora, idealizadora e uma das organizadoras do Slam Minas Suburbanas, produtora cultural, graffiteira, artesã, mãe solo, preta e candomblecista.

Nelson Maca

É poeta e professor de Literatura Brasileira, fundador do Coletivo Blackitude: Vozes Negras da Bahia e um dos organizadores do Encontro de Literatura Divergente e da Balada Literária da Bahia. Lançou em 2015 seu primeiro livro de poemas, “Gramática da Ira”.

Raiça Bomfim

Move-se no campo das artes como criadora, produtora e professora, de modo transdisciplinar, com ênfase na performance, no teatro e na poesia. Coordena o território de articulações artísticas intitulado Gameleira Artes Integradas. Tem cinco livros lançados.

Tiago D. Oliveira

Escreve, lê, toca violão e leciona. Publicou os livros “Distraído”, “Debaixo do vazio”, “Contações”, “As solas dos pés de meu avô” e “Mainha”. Em 2020, foi finalista do prêmio Oceanos e contemplado pelo selo João Ubaldo Ribeiro.



volteio

Este livro foi diagramado com as fontes Abobe Garamond Pro nos corpos 9,5pt e 10pt e Courier New nos corpos 11pt e 14pt para ser veiculado em meios digitais e impressos.

Realização:

FGM

Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

